

# Teoria do Discurso: Para Pensarmos Democracia Hoje! Aspectos teórico-metodológicos da Democracia Radical e Plural

*Teoría del Discurso: ¿Pensar en la Democracia Hoy! Aspectos Teóricos y Metodológicos de la Democracia Radical y Plural*

*Discourse Theory: Thinking Democracy Today! Theoretical and Methodological Aspects of Plural and Radical Democracy*

Kelvy Wanderson de Morais Maia<sup>1</sup>

## Resumo

Pensar democracia hoje na América Latina é pensarmos um projeto de democracia radical e plural. Embasados na perspectiva de Ernesto Laclau (2014) de democracia radical e no seu projeto intelectual para a América Latina este trabalho intenta elaborar os processos necessários para articular os aspectos teórico-metodológicos do projeto de democracia radical e plural (LACLAU; MOUFFE, 1989; MOUFFE, 2003; MARCHART, 2018). Os aspectos articulados foram, respectivamente, os conflitos antagonônicos em sua dimensão ôntico e ontológica, os complexos ideológicos em sua compreensão de representação ideológica que encarna e distorce realidades e ações relevantes para um projeto democrático radical e plural para a América Latina hoje. O principal resultado deste trabalho se apresenta pela relação dos complexos ideológicos aos conflitos antagonônicos a fim de articular cadeias equivalenciais amplas para a formação de um povo democrata radical e plural latino-americano.

Palavras-Chave: Teoria do Discurso; democracia radical e plural; América Latina; antagonismo; ideologia.

## Resumen

Pensar la democracia hoy en América Latina es pensar un proyecto de democracia radical y plural. A partir de la perspectiva de democracia radical de Ernesto Laclau (2014) y de su proyecto intelectual para América Latina, este trabajo intenta elaborar los procesos necesarios para articular los aspectos teóricos y metodológicos del proyecto de democracia radical y plural (LACLAU; MOUFFE, 1989; MOUFFE, 2003; MARCHART, 2018). Los aspectos articulados fueron, respectivamente, los conflictos antagonônicos en su dimensión óntica y ontológica, los complejos ideológicos en su comprensión de la representación ideológica que encarna y distorsiona realidades y acciones relevantes para un proyecto democrático radical y plural para América Latina hoy. El principal resultado de este trabajo se presenta en la relación de los complejos ideológicos con los conflictos antagonônicos para articular amplias cadenas equivalenciales para la formación de un pueblo democrático radical y plural latinoamericano.

Palabras claves: Teoría del discurso; democracia radical y plural; América Latina; antagonismo; ideología.

## Abstract

To think democracy today in Latin America is to think a project of plural and radical democracy. Based on Ernesto Laclau's (2014) perspective of radical democracy and on his intellectual project for Latin America, this paper attempts to elaborate the necessary processes to articulate the theoretical and methodological aspects of the project of plural and radical democracy (LACLAU; MOUFFE, 1989; MOUFFE, 2003; MARCHART, 2018). The aspects articulated were, respectively, the antagonistic conflicts in their ontic and ontological dimension, the ideological complexes in their understanding of ideological representation that embodies and distorts realities

---

<sup>1</sup> Mestrando em Linguística Aplicada; Instituto de Estudos da Linguagem IEL-UNICAMP; Campinas, São Paulo, Brasil; [kelvywanderson@gmail.com](mailto:kelvywanderson@gmail.com)

and actions relevant to a radical and plural democratic project for Latin America today. The main result of this work is presented by the relation of ideological complexes to antagonistic conflicts in order to articulate broad equivalential chains for the formation of a Latin American radical and plural democratic people.

Keywords: Discourse Theory; plural and radical democracy; Latin America; antagonism; ideology.

## 1. Introdução

A Teoria do Discurso de Ernesto Laclau, teórico político argentino, é amplamente conhecida no meio acadêmico como a Escola de Essex, uma vertente de pensamento pós-fundacional que articula Estudos Críticos do Discurso e Teoria Política. Apesar desta fama, o próprio pioneiro deste campo, Ernesto Laclau, desde a sua obra seminal com Chantal Mouffe *Hegemonia e Estratégia Socialista* (1989) até a sua última década de atividades teórico-políticas reconheceu que seus textos e projetos, apesar de serem institucionalmente vinculados ao Reino Unido e ao contexto europeu em geral, foram desenvolvidos à guisa de serem aplicados na América Latina. Seguindo esse seu projeto e desejo pessoal, Laclau contribuiu como visitante em centros universitários da América Latina articulando a democracia radical com docentes latino-americanos contemporâneos até o ano de sua morte, 2014.

A exemplo disso, podemos citar os trabalhos dos docentes Daniel de Mendonça e Mirta Giaccaglia, respectivamente. Daniel de Mendonça, brasileiro, é especialista em Teoria do Discurso e autor do excelente trabalho *Tancredo Neves: da distensão à Nova República* (2004), obra na qual discorre sobre o período de “Diretas Já” como o significante vazio que condensou as demandas coletivas no período ditatorial brasileiro; Mirta Giaccaglia, argentina, é especialista em Teoria do Discurso e autora do reflexivo trabalho *La reinvenção de lo político: la utopia democrática* (2005), obra na qual Mirta desenvolve os desejos e frustrações do povo latino-americano no que cerne à questão da construção simbólica da democracia.

Objetivamos articular desenvolvimentos importantes no âmbito acadêmico latino-americano acerca do conceito de democracia, indo mais além, postulando aspectos teórico-metodológicos do projeto de Ernesto Laclau e Chantal Mouffe (1989) e Ernesto Laclau (2005; 2014) de democracia radical, principalmente focando na importância dos conflitos antagônicos e nos complexos ideológicos para a manifestação de tal projeto político.

Discutimos a questão ôntica dos conflitos antagônicos no contexto brasileiro em vias de ampliação para a América Latina. Passamos a discussão para a dimensão ontológica do antagonismo, como a própria designação do político (MARCHART, 2018). Ideologia em nosso trabalho se refere aos complexos ideológicos articulados simbolicamente no espaço de significação em significantes que encarnam e distorcem realidades de modo a dar relevância a

horizontes ideológicos particulares ou convenientes ao grupo em questão (LACLAU, 1993). Na proposição sobre o projeto de democracia radical e plural hoje na América Latina compreendemos articulações necessárias de conteúdos sobre antagonismo e ideologia além dos aspectos metodológicos que precisam ser levados em conta para a manifestação no campo da política desse projeto de disputas plurais e dissidentes, mas paradoxalmente equivalentes (MOUFFE, 2003).

## 2. América Latina Hoje: Conflitos Antagônicos à Democracia

Discutir aspectos antagônicos à democracia no contexto da América Latina hoje, mais especificamente no território brasileiro, é falarmos de contradições, absurdos e paradoxos do Governo Brasileiro representado pela ilustre imagem de nosso Presidente da República Jair Bolsonaro. Seria incongruente à discussão não focar neste símbolo se realmente devemos pensar a democracia hoje (LACLAU, 1993).

Os conflitos antagônicos são genericamente constituídos de marcações de posicionamentos de sujeitos individuais e/ou grupos coletivos em oposição *vis a vis* de modo que esses posicionamentos marcados simultaneamente manifestam suas identidades (particulares e universais) e seus propósitos (demandas e reivindicações). Por exemplo, um grupo que se posiciona em uma manifestação pública contra seus governantes estaduais, que impuseram o isolamento rígido em suas regiões, tanto demonstram a identidade de seu grupo em oposição aos governantes estaduais, estando a favor de outros, quanto demandam que o isolamento social rígido seja revogado.

Contudo, um ponto importante a ser levado em conta, é que há meios de se manifestar antagonicamente pelas vias democráticas, ainda que tais posições identitárias sejam antidemocráticas, isto é, sem extrapolar os limites dos princípios democráticos ao performar demandas e reivindicações. Princípios esses que, quando desrespeitados, muitas vezes a depender da posição e alcance dessa representação, é institucionalmente ignorado. Institucionalmente ignorado no sentido em que não ocorre reação direta de órgãos do poder público para combater tal ação antidemocrática. Entretanto, há momentos em que atitudes representadas por manifestações discursivas antidemocráticas devem ser combatidas institucionalmente, geralmente isto ocorre quando essa representação advém da posição de um representante político, também considerada uma representação institucional (LACLAU, 1996), como um Deputado Estadual, pegando como exemplo o recente caso da prisão em

flagrante de Daniel Silveira (PSL) após o parlamentar postar na internet um vídeo de apologia a tortura, atacando ministros da Corte do Supremo Tribunal de Justiça (STJ)<sup>2</sup>.

Diante do exposto, levantam-se questões acerca de quais conflitos antagônicos são políticos e socialmente relevantes, na medida em que a partir de representações antagônicas particulares ou “isoladas” grupos de apoiadores, que compõem a cadeia de equivalência de demandas e reivindicações, se articulam e reproduzem posições comprometedoras à democracia enquanto tal.

Pensando este processo de conflitos antagônicos em transposição do ôntico para o ontológico a partir de Marchart (2018) podemos tomar por antagonismo a negatividade radical que manifesta a possibilidade/impossibilidade de constituição da Sociedade. É dizer que, para Marchart, a prática política só é digna de fato à medida que gera a negatividade radical, vista como antagonismo, em nível ontológico das práticas. Portanto, o que fugir a esses parâmetros não será “político” segundo Marchart, contudo o autor revela que na dimensão ontológica do social há antagonismos que agitam-se à espera de mobilizações coletivas que reajam a eles.

Nesta perspectiva de Marchart (2018) a manifestação política é vista como um ato de vontade coletiva, sendo fiel ao “legado de Laclau” da democracia radical, ou seja, sem um desejo de contrapor um “universal” que assola a todos os elementos da cadeia equivalencial não há política sem demanda/reivindicação social e assim consolidar-se uma disputa hegemônica.

Em contraste com a percepção limitada de prática política, inerentemente reativa, Marchart considera o próprio pensamento como militante, coletivo e partidário, constituindo antagonismo como a própria designação para o político. Para Marchart, a filosofia retoma centralidade e dignidade ao incorporar-se na constituição do social a nível ontológico, sem características sedimentares de conhecimentos e percepções disciplinares presunçosas. Pensar (*thinking*), ser (*being*) e agir (*acting*) são dimensões que se manifestam politicamente, pois a negatividade radical não é mais vista como um “fora”, mas é tomada como incompletude constitutiva do social em um campo político-cognitivo mediante repetição, sucessão e acúmulo de conflitos em nível ônticos. Críticas ao trabalho de Marchart (2018) vêm principalmente da ausência de distinção entre política e político, que para Marchart (2018)

---

<sup>2</sup> Disponível em: <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2021/02/17/deputado-federal-daniel-silveira-e-presno-em-casa-apos-defesa-do-ai-5-e-ataques-ao-supremo.ghtml>. Acesso em: 4 abr. 2021.

parece ser bem perceptível, pois o próprio antagonismo diferencia ambos os processos diferentemente do que Mouffe (2003) propõe.

Esse processo ontológico político-cognitivo se manifesta simbolicamente na linguagem através de complexos ideológicos que possibilita a interação em rede sem grande esforço cognitivo para tal ações. Os antagonismos e processos opostos são tácitos nessa dimensão condensada e sobredeterminada na qual informações são distorcidas e encarnadas, imbrincadas para propósitos opacos.

É com este foco que pretendemos desenvolver nossa discussão teórico-metodológica na constituição de complexos ideológicos, que orientam práticas representativas e compreendem as características de prospecções destas representações no que cerne as suas: distorções, encarnações e relações associativas no campo discursivo.

### 3. Complexos Ideológicos: Dinâmica sobredeterminada das disputas políticas

Žižek (2003), ao se debruçar no terreno da ideologia na Teoria do Discurso de Laclau (1993), Análise Automática de Discurso de Pêcheux, Teoria da Argumentação de Ducrot etc. atesta sobre um direcionamento das teorias do discurso no qual a dissolução do terreno ideológico é aparente ao argumentar por um estreitamento deste objeto teórico.

De algum modo esta noção (ideologia) passa a ser “muito poderosa”, começa a compor tudo, inclusive o fundamento muito neutro extra-ideológico que, suponho, teve que fornecer o padrão por meio do qual se mediria a distorção ideológica. Ou seja: não é resultado, em última instância, da análise do discurso na qual a ordem do discurso como tal seja inerentemente “ideológica”? (ŽIŽEK, 2003, p. 16).

A Teoria do Discurso foi criticada especificamente em Žižek (2003) por, até então, não ter desenvolvido de fato até *onde* a ideologia alcançaria, teoricamente, as instâncias de seu complexo teórico. Laclau (2014) dá razão aos argumentos de Žižek (2003) e desenvolve detalhadamente a Ideologia, mas critica o filósofo esloveno, pois, ao seu ver, não ocorre um estreitamento, senão uma “inflação do conceito” que atrapalhou o fluxo analítico nas teorias do discurso (LACLAU, 2014, p. 22).

O primeiro ponto a ser tratado é a percepção da manifestação ideológica de maneira tal a se manifestar “extra-discursivamente”, ou, ainda, de haver uma dimensão “extra-ideológica” da linguagem, percepção na qual Žižek (2003) se insere em sua crítica imanente. Laclau (2014) compreende que a problemática da inflação do conceito de ideologia tem, em grande medida, a explosão de conceitos advindos de uma herança dicotômica, a saber: “falsa representação”, “falsa consciência” e “distorção”. Essas categorias inferem que se possa

alcançar um objeto “verdadeiro” e “não distorcido”. Além disso, a herança essencialista também está presente em conceitos como: “sentido original”, “auto-transparência” e “fechamento”, que pressupõem uma linguagem adâmica, imediata, na qual se pode alcançar um objeto de “origem”, “centro” e “não-deslocado” (LACLAU, 2014, p. 23-27). Assim, se não se pode falar de um “extra-discursivo” e “extra-ideológico”, quais são as consequências disso no processo de representação?

“A noção de um ponto de vista extra-discursivo e extra-ideológico é a ilusão ideológica por excelência” (LACLAU, 2014, p. 24). Pois bem, a noção de “distorção” não é deixada de lado, mas passa a ganhar centralidade sendo o que constitui a representação distorcida que possibilita a noção de um fechamento “extra-discursivo”, ao mesmo tempo que contradiz ao evidenciar sua impossibilidade de fechamento transcendente. Concebendo, assim, a constitutividade distorcida da representação ideológica e a própria noção de distorção, precisam ser reformuladas no próximo parágrafo, que se relaciona à emergência da ideologia a partir de uma teorização pós-fundacional (LACLAU, 2014).

A distorção compreendeu tradicionalmente nas teorias da ideologia o caráter de presença/ausência da ideologia em um objeto de discurso ou objeto de pesquisa. Contudo, quando proponho que a distorção é constitutiva da representação e que não há representação senão ideológica, a emergência de tratar a ideologia é iminente. Distorção, desse modo, precisa ser reformulada, compreendendo o caráter deformador da ideologia sobre os objetos de discurso. A deformação pode ser reconhecida pela ambiguidade e sobredeterminação da linguagem, a partir das quais os objetos distorcidos possam vir a representar conteúdos e atributos além de si mesmos. Mais especificamente, essa distorção compreende, em sua forma mais forte, o efeito ideológico da realização nos objetos presentes do horizonte ideológico ausente. Esse efeito ideológico pode ser relacionado ao simulacro das figuras e objetos, refere-se, assim, Baudrillard (2015). É dizer, essa noção de distorção compreende a ilusão da representação, mediante semioses articuladas em práticas de jogos de linguagem específicos, do alcance ideológico por objetos e imagens. Baudrillard (2015, p. 183) desenvolve sobre como a distorção ocorre no ambiente publicitário:

Um das primeiras reivindicações do homem no seu acesso ao bem-estar é a de que alguém se preocupe com seus desejos, com formulá-los e imaginá-los diante de seus próprios olhos [...] A publicidade desempenha esta função fútil, regressiva, inessencial, mas, com isso, tanto mais profundamente exigida.

Os conglomerados de mídia recorrem aos desejos e conhecimentos mais íntimos para, a partir deles, atingir um efeito ideológico de indispensável à vida humana. Por exemplo, referindo a esta pesquisa, no contexto da mídia de massas durante a pandemia de Covid-19, ocorre a distorção entre conteúdos considerados, em uma perspectiva utilitária, fúteis em indispensáveis: o ‘*uso de máscaras*’ se tornou objeto de discurso inquestionável (CHARAUDEAU, 2006). E, quem questiona o seu uso e efetividade é rechaçado moral, antagonizado a equivalentes de “anti-saúde” ou “pró-morte” e passam por um constrangimento enorme nas redes sociais, nos jornais televisivos, nos *feeds*, nas ruas etc, a exemplo do Presidente da República.

O “efeito ideológico” acima representa uma estratégia linguística máxima da prática publicitária para promover simbolicamente a satisfação das necessidades dos telespectadores por sua realização total no imaginário social (BAUDRILLARD, 2015).

A representação ideológica – toda representação é constitutivamente ideológica –, tendo sido explicitado acima, desloca o objeto de discurso, que representa de maneira a não se alcançar o objeto “originário” que é representado. No entanto, este deslocamento oculta o abismo (*Abgrund*) metafísico de um ponto de vista a manter o fechamento metafísico (LACLAU, 1993). Aqui, a deslocação ganha centralidade ao *projetar* o fechamento metafísico, horizonte ideal, do objeto, *encarnando* a ausência. Assim, a deslocação é a presença da ausência, como discutido acima no caso da ontologização de um fundamento. Laclau (2014, p. 27-28) expõe sobre quais consequências a deslocação reverbera para a constitutividade da representação:

Em tal caso, o que tratamos é, de uma presença de uma ausência, a operação ideológica por excelência consiste na atribuição da função impossível de fechamento a um conteúdo particular que é radicalmente incomensurável com ela. Em outras palavras: a operação de fechamento é impossível, mas ao mesmo tempo necessária – impossível por causa da deslocação constitutiva que está na base de todo arranjo estrutural, necessário porque, sem essa fixação fictícia de significado, não haveria sentido algum.

Tratamos, desse modo, contingentemente, de uma *fixação fictícia* que conseqüentemente cai em uma *coerência*, igualmente *fictícia*. O ponto decisivo da emergência da ideologia é justamente esse seu caráter dialético entre necessidade e impossibilidade, porque essa dialética é a possibilidade da representação ideológica.

A representação ideológica é constituída dialeticamente, usando as categorias analíticas, pela relação deslocação e distorção<sup>3</sup>. O objeto de discurso que representa momentaneamente o fechamento de um *horizonte ideológico* será distorcido como consequência dessa função encarnante. A polaridade dessa relação dialética sustenta a necessidade mútua entre os pólos dialéticos que concomitantemente limitam seus efeitos mutuamente (LACLAU, 1993; 2014).

Podemos tratar de um exemplo dessa conjuntura pandêmica de Covid-19, a fim de exemplificar a representação ideológica na prática contemporânea. Suponha-se a situação de que, em 27 de março de 2020, no Brasil, tivesse uma resolução que deliberasse a obrigatoriedade do uso de máscaras em espaços públicos como forma de conter o alastramento do vírus de Covid-19.

Este é um posicionamento na administração da saúde pública, e, se permanecesse em si mesmo, nunca passaria a ser ideológico. Mas como pode transformar-se neste último? Apenas se a particularidade da resolução de saúde pública projetar a encarnação de algo além de si e diferente de si mesma, a saber: a emancipação da individualidade neoliberal e um voltar-se para o próximo, a possibilidade de respeitar o lugar do outro, a exaltação do altruísmo, a estratégia de defesa contra um inimigo etc.

Em síntese, a possibilidade de constituir um futuro harmonioso rumo a uma sociedade coerente. Esse objeto impossível, momento harmonioso, depende de *n* conjuntos de transformações particulares que não se limitam à dimensão discursiva da saúde pública. Isso é o que Laclau (2014, p. 31) chama de “efeito ideológico”:

[...] a crença de que há um ordenamento social particular que aportará o fechamento e a transparência da relação comunitária. Há ideologia sempre em que um conteúdo particular se apresenta como além de si mesmo. Sem esta dimensão de horizonte teríamos ideias ou sistema de ideias, mas nunca ideologias.

O ponto específico da cadeia de equivalência é o seu caráter ambíguo de destruir o sentido mediante o excesso de sentido. Por exemplo, se alguém se esforça a especificar apontando o sentido de um único termo que compõe uma lista equivalencial, seleciona-se o termo “saúde”. “Vigilância sanitária”, “bem-estar social”, “educação” etc. constituem uma

---

<sup>3</sup> Para evitar confusões entre termos, há uma relação intercambiável entre deslocação e encarnação, pois encarnação é uma relação de deslocamento que, por vezes, são intercambiadas no texto e entre deformação e distorção, que é uma relação de mudança.

cadeia de equivalência, que coconstroem mutuamente a noção do que vem a ser “saúde”. O ponto crítico que Laclau (2014) aponta é à expansão indefinida desta enumeração. Quanto maior a expansão da lista mais dilatado o sentido. Mas, o que essa dilatação obtém é o oposto:

Se tenho que especificar o que todos os elementos da cadeia equivalencial têm em comum, quanto mais a cadeia se expande, ainda mais traços diferenciais de cada um dos elementos terão de ser eliminados devido ao esforço de manter ativo aquilo que a cadeia equivalencial como um todo pretende expressar (LACLAU, 2014, p. 31).

A especificidade de cada um dos elementos de uma cadeia de equivalência designa algo diferente de si mesmo (LACLAU 1993; 1996). Essa designação fica mais fraca à medida em que a relação de equivalência entre os termos listados da cadeia precisa se fortalecer a fim de manter a noção comum que a cadeia encarna<sup>4</sup>. Isto compreende uma lista referencial não linear e não fechada sobre si, isto é, o esforço para se manter estável depende de seu contexto radicalmente contingente. A lógica da equivalência e a sua lista equivalencial funcionam no nível de relações associativas, por isso as metonímias e metáforas são tão importantes para investigar esse fenômeno.

Focarei sobre as consequências do desenvolvimento da encarnação na dialética deformação/encarnação. E, na sequência, focarei a uma questão de maior escopo, a interdiscursividade, para, finalmente, tratar de significantes flutuantes e significante vazio. O interdiscurso ocorre na medida em que duas ou mais formações discursivas distintas interagem entre si. Nessa interação, um discurso articulado em uma formação discursiva específica alude/retoma o de uma formação discursiva diferente<sup>5</sup> (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2012).

Por exemplo, seleciona-se o objeto “vacina”. Este objeto flutua amplamente em diversos discursos e contextos. “Vacina” é assim circulado no: discurso radical, discurso conservador, discurso progressista, discurso comunista, discurso neoliberal, discurso

---

<sup>4</sup> Laclau (2014) tem uma tese hipotética de que a transformação da representação de uma cadeia de equivalência em mito é a própria experiência do inefável, isto é, todos os elementos da cadeia são intercambiáveis e todos têm mesmo valor de representar a si e à cadeia. O exemplo que Laclau traz para compreender tal hipótese é a da representação de ‘Deus’ nas orações e cânticos em geral.

<sup>5</sup> Há várias definições de interdiscurso, entre as quais há muitas inconsistentes. Nesse trabalho, ampara-se a definição na concepção de Bakhtin/Volochinóv (2012), adicionando a ela leituras foucaultianas e laclaunianas feitas por mim.

anticomunista etc<sup>6</sup>. A interdiscursividade na relação fluante do objeto “vacina” tem sua relevância na medida em que o objeto se articula diferencialmente entre os discursos, isto é, com significações distintos, mas de modo a reter o atributo de equivalência entre o percurso do uso do objeto nos diferentes discursos como forma de referenciá-lo (LACLAU; MOUFFE, 1989; COSTA, 2010). Investigando esse percurso nos interdiscursos, pode-se coconstruir o esforço empregado na luta por espaço de significação na qual a projeção desse objeto do discurso encarnou. A esse fenômeno da encarnação designa-se de significantes flutuantes. No entanto, para Laclau (2014, p. 34), a relação entre flutuamento e vacuidade é:

A dimensão especificamente ideológica ao discurso do “horizonte ideológico” é que cada um dos componentes discursivos não se fecham em suas próprias particularidades diferenciais, senão que funcionam também como designações alternativas para a totalidade equivalencial que cada um deles constituem. De modo que, a flutuação de um objeto e seu esvaziamento são as duas caras de uma mesma operação discursiva.

Os significantes flutuantes transpiram excesso de significação. Em contrapartida, o significante vazio aparentemente representa a ausência de significados. “O significante vazio tem esse caráter de vacuidade devido à necessidade de seu componente para encarnar o horizonte ideal da cadeia discursiva”, sendo, afinal, não mais uma designação referente ao todo da cadeia equivalencial, mas uma designação que encarna a própria totalidade plena que é o horizonte ideológico (LACLAU, 2005, p. 137). O significante vazio não é uma projeção que encarna a *falta* de significados, mas um significante que encarna o *irrepresentável*. Se projetasse a *falta* de significado, estaria fora do sistema de significação. Contudo o *vazio* permanece vazio, mas tem significado, pois sua operação ocorre dentro da significação. Em síntese, significantes vazios representam a *falta* da plenitude total.

A principal consequência dessa operação discursiva mútua, flutuantes e vazio, é que para um significante vazio se estabilizar, este deve ter dilatado deslocamento entre discursos a ponto de que o excesso de significação encarne em presença da ausência de significados. Consequentemente, a essa operação, fala-se de representações coletivas (LACLAU, 2005).

A linguagem como agente redutor da intensidade da realidade, as cadeias equivalenciais, no desenvolvimento da deformação, e os significantes flutuantes e vazio, no desenvolvimento da encarnação, funcionam como simplificadores da complexidade do social (NIETZSCHE, 1999; LACLAU; MOUFFE, 1989; LACLAU, 2014).

---

<sup>6</sup> Como demonstra o exemplo da Manifestação anti-vacina ocorrida em Fortaleza, capital do Estado do Ceará, em 22 de dez. 2020. Disponível em: <https://www.opovo.com.br/noticias/fortaleza/2020/12/22/grupo-se-manifesta-contra-obrigatoriedade-da-vacina-da-covid-em-fortaleza.html>. Acesso em: 3 de jan. 2021.

#### 4. Projeto de Democracia Radical e Plural na América Latina Hoje!

Estabelecidos dos conteúdos ôntico-onto-epistemológicos para o desenvolvimento de aspectos estritos de um projeto de democracia radical teórico-metodologicamente embasado, podemos seguir para a compreensão de que dimensões e conceitos são articulados ao performar politicamente a democracia radical.

Primeiramente, para o estabelecimento de uma democracia radical e plural, na qual possam diferentes identidades e posicionamentos serem representados equivalencialmente entre si é preciso pensarmos em uma oposição antagônica comum. E para Laclau (2005) esse ponto é sustentado pelo contexto altamente autoritário, ou seja, Laclau pensa a democracia radical não por questões racionais, mas por questão afetiva, de tal modo que as frustrações de demandas não atendidas em repetição, acúmulo e ampliação de conflitos mais e mais reivindicações emergem na cadeia de equivalência dissidente ao antagônico comum.

Esse é o processo de democracia enquanto tal, de dissidências ou do não-consenso, para Mouffe (2003). Esse processo está diretamente relacionado ao conceito de hegemonia enquanto disputa por um *locus* de poder instável, no qual não há estabilidade senão disputa, crises simultâneas, mas momentos de consensos momentâneos. Essa ilusão de consenso é tomada ante a um adversário comum com perspectiva a defesa/conquista de um horizonte ideológico.

É nessa medida que ideologias e disputas hegemônicas têm centralidade na composição de um projeto de democracia radical. Nesses termos a democracia radical só é radical e plural enquanto essas diferenças e dissensos estiverem em articulação de modo a se opor a antagônicos que contingencialmente manifestem a necessidade de haver consensos entre adversários a fim de combater um mal em comum.

Segundamente, mas não menos importante, precisa-se ter em mente a impossibilidade de emancipação última devido a incompletude e precariedade constitutivas das relações como fixações parciais e provisórias. É dizer, a possibilidade última de uma libertação total de seus antagônicos e a transcendência para um paradigma no qual as mudanças sejam estáveis é impossibilitada pela questão do exterior constitutivo, o antagônico, somente sendo superado parcialmente e por uma distorção entre ôntico/ontológico provocada pela representação ideológica.

A principal consequência disso é que as conquistas e debates do projeto de democracia radical são lutadas de maneira constantes em processo no qual verdades absolutas não são

levantadas. Havendo sempre a possibilidade de questionamento acerca de paradigmas e proposições, mais uma vez estando aberto o espaço para discussões e debates diferentes.

A América Latina hoje precisa refletir sobre como gerarmos consenso entre povos tão plurais e diferentes, isto é, qual negatividade radical frustrará tantas demandas diferentes de modo que esses diferentes se solidarizem e se mobilizem como um só povo e manifeste politicamente suas reivindicações, dissensos, consensos e horizontes ideológicos. Aqui não é lugar para refletir sob qual bandeira ou significante vazio esse povo se representará, mas sim em dar meios teórico-metodológicos para que essa articulação possa ser manifesta onticamente.

## 5. Conclusões

Pensar democracia para a América Latina hoje é pensarmos um projeto político de democracia radical e plural. Argumentamos desse modo, pois um antagonismo tem se articulado mediante atitudes repetitivas, conflitantes autoritárias de modo a opor-se a uma cadeia equivalencial enorme cuja motivação se embasa em reivindicações que um dia foram demandas que repetidas vezes foram frustradas. Essa mobilização converge a necessidade ao contingente e este momento de o povo latino-americano se manifestar é hoje.

A importância deste trabalho reflete-se não somente pela conjuntura na qual este foi escrito, mas pela sua contribuição teórico-metodológica à frente de movimentos sociais da América Latina que há muito procuram meios de articularem-se em conjunto. Esse trabalho vê a diferença como possibilidade de solidariedade e não como um empecilho para mobilizações amplas.

Esse trabalho se estende a discussões transdisciplinares que proporcionam debates bastante relevantes, por exemplo, em qual paradigma ontológico-político a democracia radical deve se situar? Trabalhamos com um paradigma de antagonismo, pois nos baseamos em Laclau (2014) e Marchart (2018), mas há teóricos e estudiosos que defendem um paradigma agonístico como Mouffe (2003). Cada escolha teórico-metodológica gera vantagens e limitações mutuamente.

Concluimos que o projeto político de democracia radical e plural tem muito desenvolvimento em estudos de casos ainda para ser explorados na América Latina e recomenda-se para trabalhos futuros explorar a lacuna do relacionamento entre a questão ideológica às maneiras pelas quais as demandas são consideradas mais ou menos relevantes nas cadeias de equivalência coletivas de uma democracia radical.

## Referências

- BAKHTIN, M. M. (VOLOCHINOV). *Marxismo e filosofia da linguagem*. Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 9. ed. São Paulo: Hucitec, 2012.
- BAUDRILLARD, J. O sistema sócioideológico dos objetos e do consumo. In: BAUDRILLARD, J. *O sistema dos objetos*. São Paulo: Perspectiva, 2015. p. 145-211.
- CHARAUDEAU, P. *Discurso das mídias*. São Paulo: Contexto, 2006.
- COSTA, M. H. A. O fenômeno dêitico e seu alcance na interpretação do discurso. In: Colóquio da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso - ALED, 3., 2010, Recife, PE. *Anais eletrônicos Discurso e Práticas sociais*. Recife: UFPE, 2010. p. 2255-2266. Disponível em: <http://www.pgletras.com.br/ALED-2010/ANAIS-ALED-Brasil-2010.pdf>. Acesso em: 02 abr. 2021.
- GIACCAGLIA, M. *La reinención de lo político: la utopía democrática*. Facultad de Ciencias de la Educación, Universidad Nacional de Entre Ríos, 2005.
- LACLAU, E; MOUFFE, C. *Hegemony and Socialist Strategy: Toward a Radical Democratic Politics*. London: Verso, 1989.
- LACLAU, E. *Nuevas reflexiones sobre la revolución de nuestro tiempo*. Buenos Aires: Ediciones Nueva Visión, 1993.
- LACLAU, E. Poder e representação. *Estudios sociedade e agricultura*, v. 7, p. 7-28, dez., 1996.
- LACLAU, E. *On Populist Reason*. London: Verso, 2005.
- LACLAU, E. *Los fundamentos retóricos de la sociedad*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2014.
- MARCHART, O. *Thinking antagonism: Political ontology after Laclau*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2018.
- MENDONÇA, D. *Tancredo Neves: da distensão à nova república*. Edunisc, 2004.
- MOUFFE, Chantal. Democracia, cidadania e a questão do pluralismo. *Política & Sociedade*, v. 2, n. 3, p. 11-26, 2003.
- NIETZSCHE, F. *Genealogia da moral*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- ZIZEK, S. *Eles não sabem o que fazem*. O sublime objeto da ideologia. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1992. p.
- ZIZEK, S. *On belief*. London: Routledge, 2003.